

O QUE EU VOU FAZER APÓS CONCLUIR O ENSINO MÉDIO? VISLUMBRANDO POSSIBILIDADES ATRAVÉS DAS DESCOBERTAS

Andreia Francisco Afonso¹

Márcia Maria Pinto Coelho²

Priscilla Damasceno Rodrigues³

Marlon Duarte Moreira⁴

Bruna Bastos⁵

Maria Carolina Alves⁶

1 Professora Adjunta no Departamento de Química da Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: andreia.afonso@ufjf.edu.br.

2 Supervisora do subprojeto Química do PIBID da Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: marciacoelhodiverso@hotmail.com.

3 Licencianda em Química na Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: priscilladrodrigues@gmail.com.

4 Licenciando em Química na Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: marlondmoreira@hotmail.com.

5 Licencianda em Química na Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: bastos_bruna@yahoo.com.br.

6 Licencianda em Química na Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: maria_carol_alves@hotmail.com.

RESUMO: Em 2017, identificamos que em uma escola estadual de Juiz de Fora, poucos alunos chegavam ao final do Ensino Médio. Assim, através de rodas de conversa, do jogo didático e da visita à universidade, direcionamos ações para estimulá-los a dar continuidade aos estudos e diminuir a evasão escolar. Utilizamos a ludicidade e a relação interpessoal como pontos centrais para que a relação afetiva entre os envolvidos se estreitasse. As atividades permitiram mostrar a importância da escolarização como um agente de transformação da realidade e preparo para o futuro profissional.

Palavras-chaves: Ensino Médio. Evasão escolar. Profissionalização.

ABSTRACT: In 2017, we identified that in a public school of Juiz de Fora, few students concluded the high school. Thus, through talk activities, didactic game and visit to the university, we directed actions to encourage them to continue their studies and reduce school dropout. We used playfulness and the interpersonal relationship as central points for the affective relationship between those involved. The activities showed the importance of schooling as an agent of transformation of reality and preparation for the professional future.

Keywords: High school. School dropout. Professionalization.

INTRODUÇÃO

Despertar o interesse dos adolescentes para as disciplinas integrantes da matriz curricular da Educação Básica não tem sido uma tarefa fácil para os professores. Muitos docentes apontam que os estudantes demonstram desinteresse pelas aulas, sem querer participar das atividades que lhes são propostas. Há inúmeros fatores que podem estar contribuindo para a desmotivação: dificuldades de aprendizagem; a falta da relação entre o conhecimento escolar e o cotidiano; o tipo de abordagem na qual é conduzida a aula, entre outros.

Esse desinteresse pode ser uma das causas da evasão escolar. Silva (2005), em seu estudo, aponta outros elementos que também contribuem para o abandono: falta de política de incentivo aos estudos que articule as necessidades profissionais dos alunos com as estudantis; as condições econômicas das famílias e dos estudantes; baixo rendimento dos alunos, que, ao se depararem com notas baixas, não se sentem capazes de aprender, e a violência nas comunidades periféricas das cidades.

Para Snyders (2005), as políticas públicas implementadas também contribuem diretamente com a evasão escolar, o que acaba por reproduzir as desigualdades sociais no interior da escola. De acordo com Fornari (2010, p.114):

Defende-se que a exclusão ou inclusão dos indivíduos não depende de si próprio, mas é consequência do sistema socioeconômico vigente. Por isso faz-se necessário buscar elementos advindos da própria estrutura da sociedade e, no caso presente, da sociedade regida pelo capital para entender essa dinâmica.

Ainda são poucas as ações efetivas que vislumbram a diminuição dessas diferenças, como, por exemplo, através da preparação dos jovens, matriculados no Ensino Médio, para a inserção no mercado de trabalho. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), em seu texto, traz novas propostas para a educação, já que prevê que

Uma parte considerável das crianças e jovens que estão na escola hoje vai exercer profissões que ainda nem existem e se deparar com problemas de diferentes ordens e que podem requerer diferentes habilidades, um repertório de experiências e práticas e o domínio de ferramentas que a vivência dessa diversificação pode favorecer (p. 67).

Antes da BNCC, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96, em seu Art. 2º, já apresentava essa preocupação em relação à preparação para o trabalho: “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais da solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996, página).

Para muitos adolescentes, a inserção no mercado de trabalho se dá de forma precoce e sob condições desfavoráveis, o que os leva a abandonarem a escola. Essa situação dificulta ao aluno uma frequência regular às aulas, e se, de um lado, temos a acessibilidade ao ensino público, do outro, há diferentes obstáculos que garantem sua permanência de forma digna. São duas as causas que levam os jovens ao trabalho antes da conclusão da Educação Básica: a condição socioeconômica da família e a necessidade de satisfazer aos apelos do consumo, que não podem ser proporcionados sem que se tenha uma remuneração. Assim, eles priorizam a atividade remunerada, que atenderá às vontades imediatas, em detrimento do avanço na escolaridade.

Quando decidem que sair da escola é o melhor caminho a percorrer, dificilmente a instituição conseguirá tê-los novamente dentro do processo de escolarização regular. Daí, surge a necessidade da oferta de vagas na Educação de Jovens e Adultos para atender a essa parcela da sociedade.

De acordo com Lara (2003), a escola é pouco acolhedora no que diz respeito à preocupação em proporcionar aos alunos e professores um ambiente em que possam concretizar ideias e planos, o que acaba por também contribuir

para o desinteresse do estudante pelos estudos, apesar de identificarem na instituição escolar um papel fundamental para o futuro profissional e melhora das condições sociais e econômicas. Barbosa e Freitas (2016) descrevem sucintamente a dinâmica da educação nas escolas, o que justifica voltarmos nosso olhar para o aumento dos índices de evasão na Educação Básica.

[...] a educação ocorre no espaço entre pessoas, no espaço que é evidenciado pelos discursos nele produzidos. É um espaço discursivo do saber-fazer e do saber-ser, intersubjetivo, onde os (as) professores trabalham, usando seus saberes práticos e os demais (disciplinares, pedagógicos, curriculares), interagindo com pessoas e contextos em constante mudança [...] (p.193).

Entretanto, ainda são poucas as pesquisas voltadas ao estudo da evasão nos Ensinos Fundamental e Médio. Poucas dão ênfase ao que a escola pode fazer para alterar o quadro atual, que legitima as diferenças sociais existentes principalmente dentro da escola pública, e que permite a saída precoce do aluno do ambiente escolar. A cada adolescente que não prossegue com os seus estudos, temos a manutenção do ciclo de exclusão social.

Os números de jovens que abandonam o Ensino Médio, apresentados pelo Ministério da Educação, indicam que ações precisam ser iniciadas, de modo a estimular a permanência dos mesmos na escola para, assim, concluir o processo de escolarização. Fiorentini (2014) descreve os benefícios que podem resultar dessas ações.

As taxas mais elevadas dos níveis de instrução resultam em rendimento maiores e o rendimento médio *per capita* mais elevado gera menor insegurança social, melhores padrões sanitários e menores índices de mortalidade infantil e materna. Os benefícios, em termos de qualidade de vida, são evidentes: quanto mais um país se desenvolve e eleva seu próprio rendimento *per capita*, maior quantidade de recursos poderá investir no próprio sistema escolar [...] (p.26).

Por isso, é necessário repensar a educação através de ações coletivas, envolvidas em diferentes esferas que proporcionem

[...] a compreensão do adolescente como sujeito em desenvolvimento, com singularidades e formações identitárias e culturais próprias, que demandam práticas escolares diferenciadas, capazes de contemplar suas necessidades e diferentes modos de inserção social. (BRASIL, 2017, p.58).

Um ponto bastante discutido, e que se pensa ser o início de uma mudança, é o currículo do Ensino Médio. Atualmente, ele prevê conteúdos extensos, tendo

em vista o número de aulas semanais – em média três, com duração de 50 minutos cada uma -, destinada a área de Ciências Naturais (Biologia, Física e Química).

Aprender Ciências é considerado algo distante do real e sem utilidade. De acordo com Oliveira (2010), se o aprendizado científico não é agradável para os alunos, o ensino tampouco satisfaz os professores, que frequentemente reclamam da falta de motivação dos estudantes, mais interessados nos conhecimentos que adquirem fora das salas de aula.

Além disso, os conteúdos são apresentados com pouca ou quase nenhuma relação com o cotidiano, o que distancia o conhecimento escolar da realidade vivenciada. Tomazettil e Schickmann (2016, p.339) acrescentam que “somando-se a isso, temos ainda uma subjetividade juvenil que se modifica no mesmo ritmo das transformações sociais, produzindo novas formas de ser e agir nos espaços sociais”.

Ao perder seu significado para os estudantes, o aprendizado das Ciências passa a não contribuir adequadamente para o despertar de uma correta leitura do mundo, principalmente, quando se centraliza na memorização de teorias, modelos e conceitos difíceis de serem relacionados com as curiosidades inerentes à juventude. Precisamos valorizar os conhecimentos prévios (aqueles adquiridos fora do ambiente escolar) dentro dos espaços escolares e ampliá-los para os espaços não formais, obtendo uma educação que contemple a formação de cidadãos que possam buscar soluções para os diferentes problemas enfrentados pela sociedade, e não a mera repetição daqueles que estão organizados em planos de cursos de diferentes disciplinas que não interagem entre si.

Pensando nisso, este trabalho apresenta um conjunto de ações elaborado com o objetivo de diminuir a taxa de evasão dos alunos do Ensino Médio de uma escola parceira do subprojeto Química, integrante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a partir da apresentação de possíveis perspectivas de formação profissional após a conclusão da Educação Básica.

O INÍCIO E O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

No primeiro bimestre do ano letivo de 2017, os cinco bolsistas de iniciação à docência do subprojeto Química do PIBID, juntamente com a professora supervisora, observaram que a escola parceira em que atuam oferece três turmas de primeiro ano do Ensino Médio no período matutino, mas apenas uma

sala com 22 alunos matriculados no terceiro ano. A diminuição no número de turmas se dá pela evasão dos estudantes durante a trajetória escolar.

Este fato gerou questionamentos como: por que havia tanta diferença na quantidade de alunos que entravam e concluíam o Ensino Médio? Onde estavam os estudantes que saíram da escola? Para os que ainda permaneciam na instituição, o que estava sendo feito para ampliar as possibilidades de prosseguimento nos estudos após a conclusão da Educação Básica? Essas questões nos instigaram a conhecer a realidade dos alunos do Ensino Médio da escola parceira e, ao mesmo tempo, identificar as possíveis causas que levam os jovens a abandonar os estudos antes da conclusão dessa etapa de escolarização. Esses ideais nos levaram a elaborar e desenvolver um projeto ao longo do ano letivo.

Assim, a primeira atividade foi uma roda de conversa direcionada, para identificarmos as perspectivas que os alunos do terceiro ano do Ensino Médio possuíam após o término da Educação Básica. Através dessa atividade, os estudantes puderam demonstrar, por suas falas, representações, modos de agir, de pensar e de sentir o tema discutido (MARTINHO, TALAMONI, 2007), permitindo-nos conhecer as especificidades da turma.

E, nessa perspectiva, demos prosseguimento ao projeto, propiciando aos alunos do terceiro ano, um momento para esclarecimento sobre processos seletivos em instituições de Ensino Superior e em cursos técnicos profissionalizantes, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), além de fazer uma sondagem sobre a participação dos mesmos no Programa de Ingresso Seletivo Misto (*PISM*), da UFJF.

O PISM é um processo de avaliação seriado em que os discentes, candidatos às vagas oferecidas em diferentes cursos da UFJF, participam através de três módulos de avaliação (I, II e III), cada um deles ao final de cada ano do Ensino Médio. Acredita-se que, através dessas provas, o aluno consegue ser avaliado sobre os conhecimentos adquiridos ano a ano.

Entretanto, naquele momento, acreditamos que tentar uma mudança apenas com os alunos da referida turma não surtiria o efeito desejado, uma vez que poderia não ser o suficiente para modificar a realidade da evasão e da falta de expectativas futuras dos alunos.

Por isso, voltamos nosso trabalho também para as três turmas do primeiro ano, no sentido de orientar e promover ações para que eles pudessem ter uma visão mais abrangente sobre o porvir. Com isso, estaríamos, portanto, formando alunos mais conscientes e críticos da sua própria realidade.

Também houve um ímpeto de motivar os discentes do primeiro ano a darem prosseguimento ao processo de escolarização, a fim de completarem a Educação Básica, e motivá-los a buscarem os conhecimentos para além da aquisição de boas notas nas avaliações, situação ainda dominante no processo de ensino e aprendizagem, cujo reflexo aparece durante as aulas de Química: jovens apáticos, demonstrando pouco envolvimento durante as atividades propostas e frequência irregular. Essa percepção foi compartilhada com os demais professores das outras disciplinas.

Assim, no segundo semestre de 2017, apresentamos um jogo nas turmas de primeiro ano - Bingo Químico - com o intuito de abordar o conteúdo químico que estava sendo apresentado - Organização dos elementos químicos na tabela periódica e as suas Propriedades - e promover uma aproximação entre bolsistas, alunos da Educação Básica e supervisora. A opção pelo jogo se deu por ser um recurso didático que

[...] ganha espaço como instrumento motivador para a aprendizagem de conhecimentos químicos, à medida que propõe estímulo ao interesse do estudante. Se, por um lado, o jogo ajuda este a construir novas formas de pensamento, desenvolvendo e enriquecendo sua personalidade, por outro, para o professor, o jogo o leva à condição de condutor, estimulador e avaliador da aprendizagem (CUNHA, 2012, p. 92).

O Bingo Químico foi feito através de uma adaptação do popular bingo. Escolhemos este jogo por nos atender em várias finalidades: fácil entendimento, não conter muitas regras, promover a interação e possibilitar a participação de vários alunos. A adaptação realizada se deu da seguinte forma: colocamos algarismos, representando o número atômico de alguns elementos químicos, na cartela impressa em papel ofício, distribuídos em cinco colunas e três linhas. Para auxiliá-los, fornecemos uma tabela periódica para consulta junto com a cartela. O Bingo foi realizado em sala, em uma aula de 50 minutos, em cada turma do primeiro ano.

Para dar início ao jogo, os alunos deveriam localizar na tabela periódica os elementos com os números atômicos iguais aos da cartela, escrevendo seus nomes, de modo a facilitar seu reconhecimento no momento do sorteio das charadas – indicações de propriedade periódicas e outras características dos elementos químicos –, que foi feito por um dos bolsistas. Através das charadas, os estudantes deveriam localizar os elementos na cartela que, se estivessem contidos nela, **o número era riscado com o lápis. Em algumas charadas**, os discentes encontraram dificuldade para achar a resposta, portanto, para auxiliá-los, informamos a localização do elemento na tabela. Todas as observações foram anotadas pelos bolsistas e pela supervisora no diário de campo,

que “tem sido empregado como modo de apresentação, descrição e ordenação das vivências e narrativas dos sujeitos do estudo e como um esforço para compreendê-las” (ARAÚJO et al., 2013, p.54).

A partir disso, os bolsistas organizaram a próxima atividade a ser desenvolvida junto às turmas do primeiro ano, que foi uma roda de conversa. Ela tinha as mesmas finalidades daquela proposta para o terceiro ano: conhecer as aspirações da turma em relação aos estudos. Contudo, outros temas foram inseridos na roda, como, relacionamentos interpessoais, família, mercado de trabalho, profissionalização, angústias e sonhos. Para Albuquerque e Galiazzi,

essa configuração em roda pode instigar a comunicação. Os sujeitos conseguem olhar-se e, com isso, as interações são percebidas com mais facilidade. Ocorrem trocas de olhares, de argumentos, de críticas, de experiências. Quando se está em roda, as trocas acabam sendo inevitáveis. Conseguimos, por meio dela, conhecer um pouco do outro, observando comportamentos, reações e manifestações (ALBUQUERQUE; GALIAZZI, 2014, p.137).

A roda de conversa foi realizada na sala de informática, a fim de explorarmos outro ambiente da escola, cujas carteiras foram dispostas em círculo.

Para propiciarmos um momento no qual cada aluno seria ouvido sobre seus sentimentos em relação aos temas mencionados, imprimimos algumas palavras em papel ofício e recortamos. Após, colocamo-las em uma caixa plástica transparente decorada com *emoticons*. Estabelecemos que o manuseio da caixa seria feito por todos os integrantes da roda, começando no sentido horário, em que, cada um deveria retirar a palavra que se identificasse no momento e relataria aos presentes o porquê da sua escolha.

Como “futuro” foi a palavra mais mencionada na roda de conversa, percebemos a necessidade de promover algo que estimulasse novas percepções aos estudantes. Assim, organizamos uma visita à UFJF para oportunizar a eles a apresentação de alguns espaços do Campus e a vivência de algo próximo da rotina de um universitário. Assim como Trópia e Dutra (2016, p. 159),

[...] queríamos sair da rotina, ver outra coisa, em outro tempo com outros motivos – e talvez, até sem motivos... Queríamos perguntar e ser perguntados, até mesmo gostaríamos de não ter as respostas prontas, de inventar, também de aprender, de estar junto ao processo de aprender a ensinar-aprender. Queríamos estranhar a Ciência e possibilitar ciências... Queríamos expandir o espaço, experimentar formas de ser outra coisa, inclusive outras gentes.

A expectativa era levar as três turmas do primeiro ano do Ensino Médio, mas, após várias tentativas frustradas para conseguir um transporte gratuito, tivemos que selecionar apenas uma. Utilizamos, como critério de seleção da turma, a participação e o envolvimento que percebemos durante a roda de conversa, e, no caso, a escolhida foi a turma 101.

Antes de levá-los, porém, aplicamos um questionário, pré-teste (Quadro 1), em uma das aulas de Química, para ter o registro das perspectivas dos alunos em relação ao futuro após a conclusão do Ensino Médio, para que assim pudéssemos direcionar de forma mais proveitosa a visita à Universidade, cujo principal objetivo era despertar o interesse sobre a profissionalização em um curso de ensino superior.

Quadro 1: Questionário aplicado aos discentes do primeiro ano do Ensino Médio, antes da visita a UFJF.

Idade _____ Turma _____

1. Já foi ao campus da UFJF?

() Não

() Sim. O que fez lá? _____

2. Você possui algum parente que estuda ou já estudou na Universidade?

() Sim () Não () Não sei

3. Indique o nome de 2 cursos que você acha que a UFJF possui.

4. Geralmente qual (is) pessoa(s) incentiva(m) os seus estudos?

() avô () avó () tio () pai () mãe () colegas () conhecidos () padrasto

() madrasta () primos () não recebo incentivos

5. Você fez a inscrição para a prova do PISM?

() Sim () Não

6. Quando terminar o Ensino Médio você quer:

() apenas trabalhar. () continuar a estudar. () trabalhar e estudar. () não sei.

7. Já leu ou ouviu alguma notícia sobre a UFJF?

() Sim () Não () Nunca me interessei () Não sei

8. Marque um X nas palavras que você associa a uma universidade:

Aprendizado	Apoio ao estudante
Cursos	Diversão
Biblioteca	Trabalho
Lazer	Amigos
Estudos	Futuro
Show	Realidade
Cultura	Laboratórios
Dificuldade	Oportunidade
Sonhos	Emprego

9. Na sua opinião, existe diferença entre os alunos da Universidade e os alunos da escola que você estuda?

() Sim () Não

Por que?

10. Marque um ou mais itens, para completar a frase: **Estar em uma universidade deve ser ...**

() legal () diferente () chato () interessante () importante

() desnecessário () não sei () nenhum dos itens anteriores

11. O que você espera encontrar na visita que será feita à UFJF?

A turma 101 tem 20 alunos matriculados. Destes, 18 responderam ao questionário, demonstrando interesse em participar da visita, mas apenas 16 puderam ir.

Para o deslocamento entre a escola e a UFJF, alugamos um veículo (van escolar). Como nem todos os alunos podiam contribuir financeiramente com o aluguel, fizemos uma arrecadação na escola obtendo parte do pagamento, e o valor restante foi completado com recursos próprios da diretora, da supervisora do subprojeto Química e de uma professora colaboradora do PIBID. Os bolsistas contribuíram com o lanche, que foi fornecido aos discentes durante a visita.

As respostas do questionário foram quantificadas e, através das informações obtidas, planejamos o percurso no campus da UFJF, iniciando pelo Restaurante Universitário, seguindo para o Instituto de Ciências Exatas, laboratórios de Química Analítica, Jardim Sensorial, áreas de convivência e o Centro de Ciências. Este deslocamento foi feito a pé, e, durante o trajeto, cruzamos com universitários, funcionários e professores, interagindo com os mesmos para que os estudantes pudessem ter as suas impressões do local e das pessoas. Ainda houve tempo para atividades recreativas nos aparelhos de ginástica localizados próximos ao Centro de Ciências.

Na semana após a visita, tivemos um encontro de 50 minutos com os mesmos alunos para que pudessem avaliar a atividade na UFJF. O instrumento para coleta dos dados também foi um questionário (Quadro 2), pós-teste, porém, dos 16 participantes, apenas 13 estavam presentes nesse dia. Da mesma forma que o primeiro questionário, as respostas desse segundo foram analisadas quantitativamente.

Quadro 2: Questionário aplicado aos alunos da turma 101, após a visita na UFJF.

Idade _____ Turma _____

1. Como você se imagina após o final do Ensino Médio em relação aos estudos?

2. Indique o nome de 2 cursos de graduação que você tem interesse em fazer após o Ensino Médio. Por quê?

3. Você teve informações sobre esses cursos quando esteve na UFJF?

() Sim () Não

4. Alguns alunos não participaram da visita e estão curiosos para saber como são os estudantes da universidade. Como você descreveria as várias pessoas que você encontrou dentro do Campus?

5. Complete a frase:

Estar em uma universidade é...

6. Qual foi a parte mais interessante da visita à UFJF? Por quê? _____

7. A Universidade é como você imaginava?

() Sim () Não Por quê?

8. Você comentou sobre a visita à UFJF com alguém?

() Sim () Não Por quê?

9. A UFJF é:

() Pública (Gratuita, financiada pelo governo) () Privada (Mensalidade paga)

10. Você visitou o departamento de Química e o Centro de Ciências. Você gostou? Justifique sua resposta.

11. A visita ao departamento de Química despertou seu interesse por algum curso da área de Ciências Exatas? Por quê?

12. Você está inscrito no PISM ?

() Sim. () Não. () Não, mas gostaria de ter feito a inscrição.

Por quê? _____

Ainda no mesmo momento de aplicação do segundo questionário, destinamos um tempo para socializarmos as experiências obtidas na visita à UFJF, e, ao final da aula, solicitamos a entrega de uma produção livre que representasse essas experiências: vídeo, carta, jornal, música, entrevista ou outra forma, para ser entregue na semana posterior.

As produções foram feitas por quatro grupos de até quatro integrantes, apresentadas em um encontro com duração de 1 hora na sala de informática. Uma delas foi um vídeo postado no *YouTube*¹, e as demais foram enviadas através de um grupo de *WhatsApp*, criado especialmente para este fim, a divulgação. Tivemos uma entrevista, um jornal (Figura 1), e várias imagens registradas pelos aparelhos celulares dos alunos, dentro do Campus.

Demos início, exibindo a eles um vídeo de agradecimento e incentivo elaborado pelos bolsistas do PIBID. Depois, mostramos as diversas fotos registradas por eles durante a visita, o jornal e a entrevista na qual um aluno atuou como repórter e duas como as entrevistadas, falando sobre a visita na UFJF.

Figura 1: Jornal criado por um grupo de estudantes da turma 101



RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da roda de conversa realizada com os alunos do terceiro ano, percebemos que os mesmos não se mostravam empenhados a participar do PISM e de outros processos seletivos destinados a ocupação de vagas em cursos técnicos profissionalizantes. Dos 22 discentes matriculados, três tinham intenção de participar do PISM III e sete em buscar um curso técnico, após a conclusão da Educação Básica. Em relação ao ENEM, 14 estudantes ainda estavam indecisos se iriam ou não realizar a inscrição.

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z0wPLtVbd2s>>.

Embora o PISM se constitua como uma oportunidade de ingresso na UFJF, além do ENEM, há pouca adesão dos alunos do Ensino Médio dessa escola parceira. No PISM I, são poucos os que participam do exame, como mostram as respostas da questão 5 do pré-teste: 61% dos discentes da turma 101 não realizaram a inscrição. Este dado nos mostra que as turmas do primeiro ano compartilham as mesmas incertezas em relação ao futuro profissional que aqueles do terceiro ano, embora 94,44% afirmem receber incentivo da família durante a trajetória escolar. Além disso, as duas palavras mais selecionadas na roda de conversa com esses discentes foram “futuro” e “ansiedade”.

A presença da família nem sempre é percebida pela escola. Muitos professores atribuem os problemas relacionados a indisciplina e dificuldade na aprendizagem à ausência da família durante a trajetória escolar dos estudantes, como aponta o trabalho de Freire e Jiménez (2018).

A falta de informação pode se constituir como uma das causas para não se inscreverem nos diferentes processos seletivos, mesmo que sejam amplamente divulgados pela mídia e redes sociais. Na roda de conversa, 12 estudantes do terceiro ano afirmaram que utilizam a internet como apoio e complemento aos estudos, mas não para pesquisar sobre as formas de ingresso em cursos superiores e técnicos.

Muitos alunos do primeiro e do terceiro acreditam não estarem aptos a concorrer a uma vaga na universidade pelo fato da escola pública não oferecer condições de prepará-los para um processo seletivo. Por isso, a turma 101 não consegue identificar entre seus colegas, futuros universitários. Para 83,33% desses discentes, são muitos os desafios a serem transpostos até conseguirem se tornar universitários: condições financeiras da família, interesse e responsabilidade pelos estudos. Essa crença tem sido perpetuada por muitas gerações, uma vez que o país

[...] ao longo de sua história, naturalizou desigualdades educacionais em relação ao acesso à escola, à permanência dos estudantes e ao seu aprendizado. São amplamente conhecidas as enormes desigualdades entre os grupos de estudantes definidos por raça, sexo e condição socioeconômica de suas famílias (BRASIL, 2017, p.15).

Dos 18 alunos que responderam o pré-teste, 88,88% precisarão conciliar estudo e trabalho para complementar a renda familiar, o que se torna um entrave para a permanência na escola, a finalização da Educação Básica e consequentemente a busca por um curso superior.

Após a visita à UFJF, porém, apenas 15,38% continuaram com a concepção da impossibilidade de ingressar na universidade, vislumbrando a possibilidade de obter um ensino que será importante para o futuro profissional e pessoal. Logo, os discentes, ao observarem e vivenciarem diferentes momentos no Campus, puderam refletir e rever suas crenças, que resultaram em novas percepções sobre a função da universidade como um espaço público, democrático e de preparação para o mercado de trabalho, como mostra a tabela 1.

Tabela 1: Respostas da questão 5 do pós-teste

RESPOSTA	NÚMERO DE ALUNOS
Importante, incrível, inesquecível, muito bom	85%
Chato, tenso	15%

Dos 18 alunos da turma 101 que responderam o pré-teste, 63% já conheciam a UFJF, e 72% afirmaram conhecer alguém que estudou ou ainda está na universidade. A UFJF promove periodicamente eventos populares no Campus, além de ser um local que liga diferentes bairros da cidade, e, por isso, há grande fluxo de veículos em seu interior.

A visita também consolidou a interação entre os alunos, bolsistas e supervisora. Essa aproximação foi iniciada com a aplicação do Bingo Químico, no qual os bolsistas se mostraram dispostos e interessados em ajudar os estudantes em suas dificuldades. **Nesse sentido, nossas ações promoveram a participação de todos na atividade, uma vez que o fato de não ter o conhecimento sobre o assunto abordado não era justificativa para não jogar.**

Acreditamos que, somente em um ambiente no qual os discentes se sintam acolhidos, tenham liberdade para se expressar e participar ativamente, conseguiremos desenvolver um processo de ensino e aprendizagem que leve a resultados favoráveis em relação à educação. Nesse ambiente de descontração, o jogo **propiciou momentos de diversão, de torcida pelo sucesso dos colegas e de aprendizado sobre os elementos na tabela periódica.**

Oliveira e Kottel (2016), ao apoiarem-se em pesquisas de diferentes autores, citam algumas emoções que são favoráveis à aprendizagem, como, experiências de conforto, divertimento, prazer, bom humor, curiosidade, estados de aceitação e ambição. Ao mesmo tempo, outras como medo, exasperação, falta de autoconfiança e resignação são desfavoráveis.

A necessidade de participação mais ativa durante o processo de aprendizagem também foi identificada quando pedimos que os estudantes assinassem os locais que mais gostaram no Campus da UFJF. Os resultados estão na tabela 2.

Tabela 2. Respostas da questão 6 do pós-teste

LOCAIS	RESPOSTAS
Jardim Sensorial	6
Centro de Ciências	8
Laboratórios do Departamento de Química	2

Esses espaços indicados nas respostas foram aqueles que propiciaram situações em que alunos atuaram como protagonistas na construção do conhecimento. Locais que permitiram a interação e a autonomia, despertaram interesse. Os laboratórios do Departamento de Química foram o espaço menos assinalado, pois não houve atividade que envolvesse uma participação ativa dos discentes. Eles apenas observaram e ouviram as explicações referente aos experimentos. Concordamos com Oliveira (2017), quando afirma que

o futuro tem inúmeras avenidas possíveis para o desenvolvimento da vida e do trabalho. E precisamos começar a oferecer aos estudantes um domínio o mais completo possível de experiências e de hipóteses de aprendizagem, o mais rapidamente possível, para que os mesmos se possam preparar e equipar para navegarem neste mundo em acelerada mudança (2017, não paginado).

Nas rodas de conversa, os bolsistas e a professora tornaram o ambiente da sala de aula propício para o diálogo sobre assuntos diversos, desde laços de amizade até escolhas profissionais, o que permitiu uma relação de confiança mútua com os alunos. Na primeira rodada, os estudantes do primeiro ano estavam tímidos e poucos tinham uma justificativa para a escolha da palavra retirada da caixa, mas, como os bolsistas também participaram da roda de conversa, houve um incentivo maior para que os discentes expusessem suas ideias e sentimentos. Assim, na segunda rodada, muitos estudantes demonstraram segurança para se expressarem, havendo momentos de descontração entre eles e de relato de problemas familiares ou de trabalho vivenciados por alguns. Das três turmas, apenas um discente não quis participar, mas permaneceu na roda para ouvir os colegas e acabou interagindo com o grupo.

Assim como esse aluno, os que não puderam participar da visita se integraram com os demais através das produções realizadas sobre as observações e registros feitos no Campus. Nas produções, os estudantes descreveram os momentos que mais gostaram, incentivando os colegas a se dedicarem aos processos seletivos, para terem oportunidade de se tornarem futuros universitários.

CONCLUSÕES

Ao professor não cabe apenas a difusão do conhecimento. É necessário ir um pouco mais além: instigar o querer saber, proporcionando aos jovens a vivên-

cia de situações que lhes possibilitem um aprendizado que ultrapasse o espaço escolar. Muitas vezes, por falta de informação, os estudantes acreditam que o Ensino Médio é a última etapa do processo de escolarização, já que, por diferentes motivos, como as condições financeiras da família, necessitam ingressar no mercado de trabalho.

E quando precisam trabalhar ainda durante o Ensino Médio, alguns estudantes podem abandonar dos estudos, uma vez que se torna difícil conciliar os horários das aulas com os do trabalho, levando os jovens ao cansaço e ao desânimo, tornando mais difícil o ingresso em cursos de ensino superior e/ou técnico profissionalizantes.

Algumas ações podem ser iniciadas na escola, de modo a levar informações aos discentes. Muitas vezes, a oportunidade de conhecer instituições de ensino superior e técnico pode contribuir para motivar os alunos da Educação Básica a buscarem um melhor desempenho durante a aprendizagem, e conseqüentemente, nos processos seletivos para continuarem os estudos, após a conclusão do Ensino Médio.

Mas, para isso, é necessária afetividade. Somente em um ambiente afetivo, no qual é possível uma interação entre alunos e professor, será possível conhecer o contexto em que estão inseridos os estudantes, de modo a mostrar os diferentes caminhos que podem trazer mudanças no futuro profissional e pessoal.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. M.; GALIAZZI, M. C. Contribuições ao currículo da licenciatura a partir de histórias de sala de aula. *Química Nova na Escola*, v.36, n. 2, p. 135-143, 2014.

ARAÚJO, L. F. S.; DOLINA, J. V.; PETEAN, E.; MUSQUIM, C. A.; BELLATO, R.; LUCIETTO, G. C. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, v.15, n.3, p.53-61, jul./set., 2013.

BARBOSA, A. M. C.; FREITAS, C. A. Saberes em legitimação na formação de professores: diálogos entre Universidade e Escola. *Educação em foco*, v.21, n.1, p. 173-195, 2016.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, Lei nº 9.394, 1996.

_____. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*, 2017.

CUNHA, M. B. Jogos no ensino de Química: Considerações teóricas para sua utilização em sala de aula. *Química Nova na Escola*, v.34, n.2, p. 92-98, 2012.

FIORENTINI, R. Crescimento econômico e educação: o papel das desigualdades sociais. In: DORE, R.; ARAÚJO, A. C.; MENDES, J. C. (Org.). *Evasão na educação: estudos, políticas e propostas de enfrentamento*. Brasília: IFB/CE-PROTEC/RIMEPES, 2014.

FORNARI, L. T. Reflexões acerca da reprovação e evasão escolar e os determinantes do capital. *Revista Espaço Pedagógico*, v.17, n.1, Passo Fundo, p.112-124, jan./jun., 2010.

FREIRE, V. A.; JIMÉNEZ, L. O. Afetividade na interação em sala de aula: resignificando a prática docente nas turmas de 6º ao 9º ano na Escola Estadual Marechal Eurico Gaspar Dutra - Jaboatão dos Guararapes - Pernambuco- Brasil. *Revista Científica de Iniciación a la Investigación*, v.3, n.1, p.31-47, 2018.

LARA, I. C. M. *Jogando com a Matemática: de 5ª a 8ª série*. São Paulo: Rêspel, 2003.

MARTINHO, L. R.; TALAMONI, J. L. B. Representações sobre meio ambiente de alunos da quarta série do ensino fundamental. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 13, n. 1, p. 1-13, 2007.

OLIVEIRA, D. C.; KOTTEL, A. determinantes comportamentais e emocionais do processo ensino-aprendizagem. *Caderno Intersaberes*, v.5, n.6, p.1-11, jan./dez., 2016.

OLIVEIRA, H. Preparar os estudantes para a incerteza do futuro. Ver. 2017. Disponível em: <<http://www.ver.pt/preparar-os-estudantes-para-a-incerteza-do-futuro/>> Acesso em: 31 jan. 2017.

OLIVEIRA, J. R. O Ensino das ciências e a ética na escola. *Química Nova na Escola*, v.32, n.4, p.227-232, 2010.

SILVA, F. C. S. *A evasão escolar de jovens do ensino médio de uma escola pública de Itaituba, Pará*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SNYDERS, G. *Escola, classe e luta de classes*. São Paulo: Centauro, 2005.

TOMAZETIL, E. M.; SCHLICKMANN, V. Escola, ensino médio e juventude: a massificação de um sistema e a busca de sentido. *Educação e Pesquisa*, v.42, n.2, p.331-342, 2016.

TRÓPIA, G.; DUTRA, L. B. Histórias do ver, do não ver e do transver o mundo em labirintos formativos de professores de ciências. *Educação em foco*, v.21, n.1, p.157-172, 2016.